



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DAS ARTES – ICA
FACULDADE DE DANÇA – FADAN
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

WILLIAME DA SILVA COSTA

**OS CORPOS NEGROS NA LICENCIATURA EM DANÇA: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES PARA FORMAÇÃO DOCENTE**

BELÉM - PA

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DAS ARTES – ICA
FACULDADE DE DANÇA – FADAN
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

WILLIAME DA SILVA COSTA

**OS CORPOS NEGROS NA LICENCIATURA EM DANÇA: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES PARA FORMAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Dança (FADAN), Instituto de Ciências da Arte (ICA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Dança, orientado pela Profa. Dra. Benedita Afonso Martins.

BELÉM – PA

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

- C837c Costa, Williame da Silva
Os corpos negros na licenciatura em dança: desafios e possibilidades para formação docente / Williame da Silva Costa. 2023.
54 f.
- Orientadora: Profª Drª Benedita Afonso Martins
- Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2023.
1. Professores de dança – formação profissional. 2. Negros na arte 3. Racismo. 4. Discriminação na educação. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.807

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos treze dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas, na sala 22, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Prof^a Dra. Benedita Afonso Martins – Bene Martins (Orientadora e Presidente da Sessão), Profa. Dra. Luiza Monteiro e Souza (Membro interno) e Prof^a Dra. Ana Rosangela Colares Lavand (Membro externo), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Representação do negro na Licenciatura em Dança: desafios e possibilidades para formação docente, de autoria do aluno: Williane da Silva Costa, matrícula: 201706040015, da turma: 2017, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou o aluno para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, o discente foi arguido pelos membros da banca, que atribuíram conceito Bom ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim aprovado (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pelo aluno.

Presidente da Banca

Membro da Banca

Membro da Banca

Aluno (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a produção total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho por serem pertencentes acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Williame da S. Costa
WILLIAME DA SILVA COSTA

Local e Data: 17/08/2023

“ A escola não transforma a realidade, mas pode ajudar a formar os sujeitos capazes de fazer a transformação da sociedade, do mundo e de si mesmos.”

PAULO FREIRE

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas colaboraram para que esse trabalho acontecesse, cada uma em diferentes maneiras e momentos. A todas sou imensamente grato. Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus e também as entidades e espíritos de luz que a mim sempre estiveram próximos, me guiando e iluminando. As minhas mães, Rosangela mãe carnal e Maria Lucia e Valmira (tias) por me incentivarem a estudar, pelo apoio imensurável, por apoiar minhas escolhas e me amarem incondicionalmente. Os valores que me ensinaram são heranças imperdíveis. Ao meu pai, Vanderlei. Obrigado pelo companheirismo e por alimentar um pouco de quem eu sou. Sou grato também a minha avó, Veronica que não mede esforços para ajudar-me na vida acadêmica e na vida. Às amigadas criadas e fortalecidas nos projetos de pesquisas que participei agradeço por somarem nessa caminhada e por dividirem comigo momentos tão especiais. Às mulheres docentes que me conectei Carol Castelo, Ana Flávia Mendes, Arianne Pimentel, Luiza Monteiro, Thamirys Monteiro, Simeir Andrade e também aos meus queridos Juan Silva por me ajudar durante o processo acadêmico e conselhos de vida e ao Tarik Coelho por me conceder por inúmeras vezes a sua casa, seu computador para que parte desta pesquisa fosse realizada e assim que me mostraram o real significado de resistência e empoderamento. Nós por nós! Aos meus professores e colegas do curso de Dança, agradeço pelas partilhas, pelos ensinamentos e por construírem parte da minha história. A minha orientadora Dra. Bene Martins, pela disponibilidade, pelas palavras encorajadoras, pelos diálogos apoio e carinho nesta escrita, uma grande inspiração. E a todas as pessoas que fizeram parte da entrevista deste trabalho (Ariany Coelho, Marinalva Costa, Junior do Vale, Gesiel Ribeiro, obrigado por vocês fortalecerem. Registro aqui minha admiração e minha profunda gratidão pelo respeito com esta pesquisa.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Dança tem como objetivo principal estudar e analisar a representação de corpos de artistas-pesquisadores- professores negros na formação em dança, observando os desafios e possibilidades na formação docente do curso, busco registrar caminhos percorridos nas minhas vivências e dialogadas com os meus pares que se encontram em formação, especificamente na Licenciatura em dança. Na escrita discorro alguns conceitos sobre educação antirracista, dança e outros conceitos afrodiaspóricos para fortalecer minhas reflexões imanentes em dança. Quanto à metodologia da pesquisa, inicialmente bibliográfica e, por partir de minhas experiências como pessoa não branca, recorro a minhas memórias amparado por aspectos da Autoetnografia, em diálogo com colegas do curso, os quais participaram da entrevista semiestruturada. Desse modo, a par dos conceitos elencados, de minhas impressões corporais quanto à ocupação de espaços, ainda incipientes no ensino superior, dialogo com meus pares, no intuito de fundamentar o estudo e ter uma escuta sensível para a escrita deste trabalho que é escrito por uma pessoa, porém tem ajuda de todo um corpo de alunado do ensino superior, carrega a força dos meus ancestrais e de todo o povo que me antecede. Este é um estudo preliminar, terá continuidade na pós-graduação, apresenta parte dos nossos anseios, necessidades, aspirações, constatações, do quanto ainda falta para chegarmos a uma formação de fato inclusiva. Não só dos corpos negros, mas de todos os segmentos sociais até hoje relegados a baixa escolaridade. Este tipo de pesquisa precisa ser aprofundada para estudos bem fundamentados para o apontamento de sugestões concretas para que a formação docente seja mais humanizada. Para mim, humanizar é incluir todas as pessoas num ensino de qualidade! Exploro a significância/importância de estudos étnicos-raciais (educação antirracista) e de pesquisas/disciplinas específicas. Pois, assim, seremos espaços com mais inclusão, participação e inserção entre as partes do sistema!

Palavras-chave: educação antirracista; dança; formação de professores;

ABSTRACT

The main objective of this Bachelor of Dance Course Completion Work is to study and analyze the representation of bodies of black artists-researchers-teachers in dance training, observing the challenges and possibilities in the teacher training of the course, I seek to record paths taken in my experiences and dialogues with my peers who are in training, specifically in the Degree in dance. In writing I discuss some concepts about anti-racist education, dance and other Afro-diasporic concepts to strengthen my reflections immanent in dance. As for the research methodology, initially bibliographical and, based on my experiences as a non-white person, I resort to my memories supported by aspects of Autoethnography, in dialogue with course colleagues, who participated in the semi-structured interview. In this way, along with the listed concepts, my bodily impressions regarding the occupation of spaces, still incipient in higher education, I dialogue with my peers, in order to base the study and have a sensitive listening for the writing of this work that is written by one person, but with the help of a whole body of higher education students, carries the strength of my ancestors and all the people who preceded me. This is a preliminary study, which will continue in graduate school, it presents part of our anxieties, needs, aspirations, findings, of how much is still missing for us to reach a truly inclusive education. Not only of black bodies, but of all social segments until today relegated to low education. This type of research needs to be deepened for well-founded studies to point out concrete suggestions for teacher training to be more humanized. For me, to humanize is to include all people in quality education! I explore the significance/importance of ethnic-racial studies (anti-racist education) and specific research/disciplines. Because, in this way, we will be spaces with more inclusion, participation and insertion between the parts of the system!

Keywords: anti-racist education; dance; teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Fotografia do resultado da disciplina música e dança (2018)	13
Imagem 02: Minha foto quando criança	19
Imagem 03: O tradicional corte de cabelo na comemoração de aprovado no vestibular	29
Imagem 04: As duas mães que me carregam nesse tecido da vida!	30
Imagem 05: Família em comemoração 2016/2017	31
Imagem 06: Fotografia pessoal do discente Saulo Josué	43
Imagem 07: Fotografia Pessoal da discente Laune Gomes	45
Imagem 08: Espetáculo “O Pequeno Príncipe” a obra de Antoine de Saint-Exupéry	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. PISTAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE MAIS HUMANIZADA	15
3. PALAVRAS PRETAS: DIÁLOGOS DO SER NEGRO NA FACULDADE DE DANÇA	38
4. DIÁLOGO DOS DISCENTES EM FORMAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA:	40
5. POR QUE A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA É NECESSÁRIA PARA A VIDA?	47
6. CONSIDERAÇÕES.....	51
REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, intitulado “*Os corpos negros na Licenciatura em Dança: desafios e possibilidades na formação docente*”. Início com registro de caminhos percorridos nas minhas vivências, histórias e desafios compartilhados, especificamente, no curso de Licenciatura em Dança, da Faculdade de Dança (FADAN-UFPA), no qual ingressei em 2017. Desde então, busco elaborar olhares e reflexões acerca representação dos corpos negros que habitam/ocupam os espaços onde ocorrem as aulas da graduação, em diálogo com colegas da turma, com os quais divido minhas indagações sobre a formação de artistas-professores-pesquisadores em dança.

Nesta trajetória dançante, me coloco como aquele corpo que dança, corpo que é, também, político. Dança que se faz enquanto pensamento crítico em nosso fazer artístico, social, político e cultural. O corpo que dança na universidade, os versos no inverso das narrativas, pois ao adentrar na faculdade me permiti explicar, conhecer e fortalecer meus elos e os pensamentos que residem em mim e, confesso, alguns bem incômodos no sentido de não entender, ainda, os porquês de tantas discriminações raciais, algumas elencadas neste estudo.

Os incômodos que me acompanham, antes e durante a minha formação na faculdade, me realocam neste espaço para possíveis encontros e reverberações da representatividade da pessoa negra neste espaço que é múltiplo, a princípio, mas com certas inadequações de funcionamento de fato inclusivo. Eu comecei a explicitar parte de minhas inquietações lá na disciplina de “Música e Dança” no ano de 2018, ministrada pela Professora Dra. Carol Castelo, quando me empenhei e relatei através do meu corpo e estudos da performance a potência da representatividade do corpo negro, dentro do curso e o espaço que me propus a carregar. Neste ano e nesta disciplina, unicamente consegui performar especificamente sobre o processo artístico. Friso aqui “unicamente”, pois nas demais disciplinas havia mais processos em grupos, que não trabalhavam para este lado mais subjetivo da pesquisa, mesmo entendendo que eu, como discente, poderia propor também momentos de vivências para os colegas.

Imagem 01 - Fotografia do resultado da disciplina música e dança (2018)



Fonte: Fotografia de Juan Silva, performance artística “Casa – Corpo – Pele” que nasce como resultado da disciplina música e dança que referencia as indagações pessoais do artista.

Mas, a partir dessa performance na disciplina, me encontrei e tomei a decisão do que queria abordar em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Embora, pela imaturidade, talvez, não reverberarei mais sobre estas potências. Efui pertencendo ao espaço de estudos. Ali, encontrei e fui encontrado, por isso, decidi falar sobre a potência do corpo negro na dança, no espaço da faculdade, sobre o ser negro e dialogar com outras pessoas negras me permitindo conhecersuas vivências e conectando-as comigo.

Agradeço imensamente à professora que ministrou tal disciplina, por propor a ideia de apresentação individual e fazer com que eu fosse atrás, entrasse no meu amago e buscasse em meu interior os meus anseios. Com isso, potencializei as narrativas que eu sinto na pele e para falar a verdade, nunca deixei de sentir. Pois ser negro, aqui no Brasil, falarei sobre aqui, pois é o País onde nasci e fui criado. Ser negro é viver sempre em confronto de ideias, olhares julgadores que nos minimizam, é viver cercado de forças que servirão para proteger a população, mas é a que está sempre nos rondando e asfixiando, seja pisando em nossos pescoços em vias públicas ou nos trancando dentro de um porta-malas de um carro, com uma bomba de gás improvisada, ou seja, quem é negro sabe que nosso viver é viver sob constantes ameaças.

Esta pesquisa tem a finalidade de investigar, abordar e reconhecer os

desafios e possíveis caminhos e alternativas que permeiam a formação acadêmica dos alunos negros do curso de Licenciatura em Dança, e como estes processos de ensino-aprendizagem têm sido traçados no curso. As indagações advêm da constatação de que há necessidade de se (re)criar espaços, atitudes, metodologias de ensino mais inclusivas, para que haja uma maior inserção e participação dos discentes negros, no processo de formação docente e como uma educação antirracista¹ pode contribuir para esta formação mais humanizada. Estas indagações são minhas e serão investigadas, por entrevista, com estudantes da minha turma, para averiguar o que há em comum e o que preciso acrescentar no meu estudo sobre as questões referentes à representação do negro na graduação em dança.

Um dos objetivos deste trabalho de observação pessoal atenta, *in loco* e no diálogo com colegas, é propor a problematização dos desafios enfrentados por nós, estudantes negros, nos preparando para sermos professores- pesquisadores de dança. Dos desafios mais presentes, estão o preconceito racial, a falta de reconhecimento dos direitos iguais para toda a comunidade acadêmica, entre outros que serão mencionados ainda, por mim e pelos (as) entrevistados (as).

A metodologia inicia por uma revisão bibliográfica acerca das temáticas: a representação do negro, educação e formação docente em dança. Verificar conteúdos existentes sobre as temáticas que envolvem o povo negro, no currículo do curso de Licenciatura em Licenciatura em Dança da FADAN/UFPA. Além de realizar entrevistas com colegas do curso para, no diálogo sobre as vivências de discentes negros em formação docente na graduação em dança, refletir sobre o que existe de falhas e propor melhorias, a partir dos depoimentos dos entrevistados(as) e de minha análise.

¹ Educação antirracista e estudo de gênero são mencionadas aqui, como temas a serem aprofundados na pós-graduação, por ora, o foco é na representação do negro na graduação em dança.

2. PISTAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE MAIS HUMANIZADA

Ao começar o estudo a partir da minha posição, do meu ponto de vista e das minhas experiências, enquanto discente negro, de um curso de Licenciatura em uma universidade pública, pretendo no diálogo com os demais estudantes, averiguar o quanto existe de comum em nossas vivências, como pessoas tradicionalmente discriminadas, e o que desejamos propor para que nos sintamos pertencentes de fato à comunidade acadêmica, pois creio que somente um ensino mais humanizado, sem nenhum tipo de racismo, poderá transformar pessoas, dar visibilidade à situação dos injustamente excluídos. De acordo com Delcele Queiroz:

(...) dar visibilidade à situação dos segmentos raciais com relação ao acesso ao ensino superior, contribuindo, para a constituição de um acervo de informações que possa vir a apoiar a formulação de políticas públicas voltadas para a educação da população negra. (QUEIROZ, 2004, p.3).

Com esse entendimento, a partir da citação acima, não pretendo aqui apontar “caminhos corretos” para serem seguidos, mas, adianto sob meu ponto de vista, possibilidades de uma des(construção) do/no ensino-aprendizagem, por parte dos discentes, para que sejam mais participativos e críticos nas disciplinas e dos docentes para que não fiquem “paralisados” com suas formações e estejam sempre em busca de renovar-se e continuem a inspirar nós discentes, e a comunidade em geral, para que sejam sempre curiosos para descobrir o novo e redescobrir o que já foi descoberto, respeitar os sujeitos e suas particularidades e singularidades.

Assim, após conversas e reflexões sobre as minhas experiências no ensino superior, em diálogo com alguns colegas, tentei transcrever os sentimentos aflorados, anotados e escutados para esta escrita do ouvir e ser ouvido, do falar e ouvir, ou seja, tentei estabelecer uma partilha entre discentes, cheia de afetos e preposições do ser negro e estudante de uma universidade brasileira.

Nesta pesquisa, discorro e me lanço sobre leituras e vivências para explicitar o como uma educação mais humanizada pode contribuir para a expansão de brechas e manutenção de espaços na formação de professores de dança negros, e a importância de ações afirmativas utilizadas, na prática, para

aconsolidação de um ensino mais inclusivo. O diálogo com meus pares é parte do processo de escuta inclusiva e propositiva. Minha escrita propõe reflexões sobre temas como a inserção do negro no espaço acadêmico, formação docente dança, desigualdade racial e social. Com esta pesquisa, visou escrever em palavras e no corpo dançante esse caminhar que é múltiplo, enquanto discente negro, de um curso de Licenciatura em Dança.

Este trabalho se abriga em duas linhas de pesquisa do Projeto Pedagógico do curso: Formação de Professor e Processos de Ensino e de Aprendizagem; Pedagogias do Corpo: estudo das metodologias teórico-práticas de ensino da dança, e é constituído por três sessões, a primeira que denominei como “racismo e desigualdade racial” processos e acessos das brechas no ensino-aprendizagem na graduação em dança, a partir de minhas vivências e de colegas e, a segunda, “propostas e possibilidades no ensino superior: ações afirmativas para uma educação antirracista” e as considerações que permeiam a fase do reconhecimento, apreciação, discussão e apontamentos de possíveis outras trajetórias para a educação na graduação.

Nas veias pulsantes que aqui residem, ora dilatadas, ora comprimidas por afetos e desafetos que vivencio entre linhas experimentais do sentir, reitero que o corpo em si, parado, já comunica. Assim é possível obter inúmeras linguagens e significados a partir do olhar sensível para nossos próprios corpos. Um corpo negro silenciado, que tem a falar em seu incômodo silêncio? – Busco nas minhas vivências como um homem, negro, gay, empobrecido e periférico escutar ruídos intercalados desse silêncio e os colocar em diálogo com meus pares.

Apontando e refletindo acerca das vivências intercaladas, categorias sociais que se inter-relacionam e estruturam a vida dos indivíduos na sociedade e que atravessam as vias da faculdade, seriam tais as consequências e afetações que perpassam por nós.

Estudo e referencio o conceito de *interseccionalidade* que diz respeito às interligações das trajetórias identitárias e como estas interligações se colidem e afetam os(as) indivíduos que se encontram nestas trajetórias interligadas. Seriam eles(as): os pretos, a mulher preta, a mulher-preta-mãe, a população LGBTQIA+, as Culturas Indígenas, as pessoas afroindígenas, afrodescendentes, as pessoas com deficiência e outros possíveis delineamentos em espaços marcados que são submetidos aos regimes de

invisibilidade e também subalternização. “Possibilita ter a compreensão de que não há uma diferenciação de opressão, todas estas são formas de opressões baseadas em três regimes sociais, a raça, o gênero e a classe social” (AKOTIRENE, 2019). Esse conceito nos remete à compreensão de como as convenções das diferentes categorias sociais existentes correlacionam-se e estruturam a construção da vida nos sujeitos, (re)produzindo injustiças, desigualdades desvelando a multiplicidade das situações de pessoas e grupos.

Contribuindo com a afirmação sobre a coexistência de diferentes fatores como: violências, discriminações, vulnerabilidade; Que podemos chamar como sustentáculos de subordinação, permitindo e adentrando a possibilidade de pesquisar e oportunizar a subsistência ou não das desvantagens (re)produzidas socialmente desiguais sobre nós, os sujeitos que somos e vivemos socialmente. Ao provocar esta breve reflexão crítica a respeito do ensino em que estou inserido, me permito rever e refletir sobre o acesso à minha memória na infância, adolescência e aos determinados espaços em que fui incluído. Mergulhar nomeu “Eu” é ter uma escuta sensível diante dos meus apontamentos nos eixos de possíveis caminhos que sou conectado e imanentes em (an)danças, que me vestem, sou pele encarvada nos processos que reproduzo e produzo artisticamente. Para Elisangela Chaves:

A dança produz/reproduz codificações organizadas em grande escala, atitudes específicas em relação ao corpo e aos usos do corpo individualmente ou em grupos sociais específicos, coletivamente. Podemos perguntar quem dança, quando e onde, de que maneira, com quem e/ou com que finalidade? Ou ainda, nos perguntar quem não dança e porquê? Essa fluidez complexa nos provoca de diferentes formas, inclusive para ampliar nossa compreensão sobre a diversidade e as identidades sinalizadas, formadas, negociadas ou impostas também sobre os corpos, incluindo os que produzem, usufruem e fruem danças. (CHAVES, 2021. P:745)

Abordar sobre estas produções, reproduções e representações que sou imbricado, sejam elas nos processos que me envolvo pelo eixo artístico ou nas imbricações do processo vitais, não me desvinculando do que vivo, sinto e permeio. A dança viva que pulsa e dilata este meu corpo e minhas vontades.

Para Bene Martins “A dança lida com um corpo para além do aspecto

biológico. Este corpo é um complexo constituído e em construção, de acordo com o contexto e época em que se vive.” Entende-se através dessa leitura que o corpo é pulsação, respiração, é interno.

Mas também é algo para além disto, é desejo, é anseio, é vontade e movimento. Movimento que leva pra frente, que altera. Movimento que vai para além do corpo. Dança esta que modifica, o corpo e tudo que ele toca e se faz em torno.

O “nó” que me desata nesses fios da vida, é reviver e me reaproximar de tudo que já me feriu e/ou me fere atualmente. “As investigações interseccionais nos permitem identificar, reconhecer e assumir as opressões e formas de injustiças às quais configurações operam e circundam o/a(s) indivíduo/a(s) sociais” (AKOTIRENE, 2019), que seria correlações entre raça, gênero e classe é um dos conceitos que perpassa por minha escrita e afirma os modos de ser/estar presente na realidade do ensino-aprendizagem na faculdade de dança, para descolonizar mecanismos engendrados do saber e democratizar ainda mais estes ambientes por nós frequentados.

Mergulhar nessa costura de vida e (re)imaginar a minha infância que pouco, ou na verdade, se quer vi ou tive exemplos, estudos, apontamentos que, diretamente, me fortalecessem ou me empoderassem, me libertassem de preconceitos sobre a cor da minha pele, minha história de vida, superação, literaturas do povo negro. Na escola, no ensino infantil até o ensino médio, pouco ou nada vi meus professores/tutores/diretores e toda a comunidade escolar se preocupando com estes temas. Se eu perguntar a você e tentar fazer uma lembrança dos seus estudos, quando criança até a sua adolescência, quantos professores negros já tivemos dentro de sala de aula? Quantos autores negros já lemos, conseguirá lembrar de quantos? É possível? Quando se é falado do negro na educação, leia-se espaço formal de ensino e aprendizagem: O que é falado do ser negro? Em qual período no ano e por que somente em determinado período?

Refletindo sobre a escolha do meu tema de TCC, na verdade, fui escolhido e engolido por ele e não ao contrário. Essas eram questões que me acompanhavam e atravessavam (in)diretamente, para as quais pouco dei atenção. Agora, talvez, com certa maturidade, a escuta no processo de

aprendizado formal e informal, me fizeram ter este aguçamento na proposição da temática abordada. Quando olho o ser humano que me tornei e lembro do olhar atento e cheio de questionamentos do Willame da Silva Costa, quando criança, com suas indagações de por que o negro ter de sempre tentar e/ou serduas vezes melhor, em tudo que faz, para não ser confundido com qualquer outra coisa que não seja a inferiorização.

As repetições de movimentos, exercícios incansáveis nos processos em dança serviam para eu mostrar a mim mesmo que eu sempre podia ser mais e fazer melhor do que anteriormente. Trago este processo para a vida da dança, que a repetição que inúmeras vezes me cedi e permitir fazer sejam arrebatadas para o meu ciclo externo e que eu incansavelmente, repita os movimentos, falase continue lutando por meus pares, discutindo e falando o que puder sobre, fortalecendo este papel.

Imagem 02 - Minha foto quando criança



Fonte: Arquivo Pessoal

O olhar inocente da criança, mas sempre repleto de curiosidade e

reflexão é o qual procuro lançar e debruçar neste estudo. A criança com o desejo de aprender e que, nesse aprendizado acaba por ensinar os que estão ao seu lado. Mas, que ao mesmo tempo, essa criança cresce e amadurece suas ideias e, no presente momento, discursa e faz seus apontamentos sociais que se fazem presentes e podem, ou estão em estreita interligação.

Quando me proponho a estudar a dança e suas inter-relações com a diversidade de corpos, busco analisar e identificar essas questões de atravessamentos que dialogam em convergências, para conseguir afrobetizar, ou seja, reconhecer, neste estudo, a representação do negro, nos processos em dança com a educação antirracista, em conjunto com as práticas inclusivas como uma possibilidade de ação educativa e o fortalecimento de ações afirmativas para esta comunidade no eixo de convenções artísticas educacionais. Deste modo, afrobetizar para Justino e Roberto:

Afrobetizar, ao contrário de ser (só) uma neologia geradora de expectativas estereotipadas ligadas ao prefixo “afro”, tem por objetivo principal levar as pessoas ao reconhecimento e autoconhecimento de si a partir do que lhe é próprio, para se inserirem socialmente diante de uma condição de empoderamento de sua condição de cidadão (JUSTINO, ROBERTO. 2015, p: 100).

Assim, busco refletir e dialogar com este conceito, como proposta de um possível caminho que podemos seguir para esta conexão com o corpo discente e docente que se faz presente em nossas aulas. Pois, autoconhecer-se, é saber suas limitações, suas aflições e tudo que os cerca. É o questionar sobre si e sobre o outro! Quando proponho o afrobetizar como um dos conceitos para esta escrita-pesquisa, faz-se necessário a indagação sobre a situação e reflexão da situação atual do negro no ensino superior e nos locais por eles habitados e frequentados, me permito fazer um recorte social e remeter alguns pequenos apontamentos mais voltados para a situação educacional dos jovens negros, professores pesquisadores em dança na UFPA, no curso de licenciatura em dança.

Como este corpo adulto que vem de uma educação básica totalmente racista se compõe e é composto em nosso currículo de gestão e graduação na faculdade, e o que nosso plano de curso absorve e altera para que esta composição seja menos agressiva e excludente? Pois, é neste corpo que tudo

acontece. É nele, por meio dele, que as lutas e resistências conflituais geram os resultados e assim as mudanças são tecidas, dançadas e narradas em movimento. Para Chaves:

A dança, como linguagem e expressão de um tempo e espaço, constitui uma das possibilidades de captação desse fato e dos embates identitários historicamente construídos. Nesse sentido, há de se questionar, tendo em vista uma perspectiva pós-moderna, se os espaços dos projetos socioculturais têm intencionalidade de produzir performances e estéticas de identidades resistentes à dominação eurocêntrica das epistemologias e das políticas. Parto da percepção de que um projeto que trabalhe com dança, concebido e/ou percebido na perspectiva da educação social, não se limita à formação da ou do dançarina/o profissional... (CHAVES, 2021, p. 746).

Olho para além dos projetos socioculturais, olho para as esferas que a educação me permite tocar. A universidade tem como proposta o estudo das relações étnico-raciais e, em seu currículo, a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório, no Brasil os estudos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira na graduação. Ela se faz presente? (se sim, somente no viés teórico ou na práxis)? – Esta foi uma das perguntas que me eu mesmo propus a fazer para a minha pessoa, durante o processo da pesquisa, para que pudesse me atentar ao que está escrito na lei.

O que é feito pelo corpo integrado docente e o que é estudado pela comunidade acadêmica, para cumprir tal lei? – Quando menciono a existência desta lei e se nossa educação no ensino superior é contemplada através da mesma, me permito olhar a difusão do que seria o ensino da dança, não somente para o alunado negro, mas para todos estes que estão em formação, e como relacionar a história e cultura do povo negro, concomitantemente, com a dança. Uma vez que a dança se faz na prática, na comunicação, no ouvir, no sentir, no pensar e agir. Como e em quais disciplinas essa lei é exercitada? E pensar também em quem seria esse docente-formador – Um professor branco?!

Um dos preceitos da inclusão e dessa lei, naturalmente, é perceber, pensar em outros sujeitos, em outras possíveis pedagogias, dialogarmos sobre as necessidades de pedagogias outras para a inclusão e/ou maior inserção de todos esses sujeitos, que são múltiplos e diversos em suas culturas,

conhecimentos e vasta experiência. É assim que currículos e processos etno-raciais-formativos na educação irão se constituir e construir, em cada projeto e planos pedagógicos, para reorientar as páginas das tradições e caminhos existentes do pensar o currículo de um curso de graduação. Isto é, há necessidade de um estudo entre várias disciplinas, cujas ementas proponham estudos inclusivos e referenciais de autores (as) negros (as), rever conceitos é fundamental para que a representação, neste caso, de negros, se cumpra.

Aqui, expressei algumas ideias para que estes estudos citados por lei não sejam apenas encaminhados a nós estudantes, simplesmente por estarei na lei serem obrigatórios em espaços educacionais, mas sim como um processo e atitudes desses espaços de forma consciente como manutenção das próprias ideias e ambientações. Pois, rememoro acerca da criança que fui, onde estudeie das poucas oportunidades de estudar a nossa história, nossas potências, forças e desafios. Na dança, falo no contexto imbricado ao meu ser, lá dos meus primeiros passos em um projeto social (como aluno), a importância de determinados assuntos, experiências, rodas de conversas para a criação e manutenção do meu conhecimento.

A dança e quem a faz possibilitam estes espaços para conversas. Nós, enquanto comunidade acadêmica, que dançam, pensam, que são movimento crítico nos permitimos a novos conceitos? Permitimos nos sensibilizar ao próprio corpo para escutar nossas demandas? – O que seria a demanda de um corpo negro que está em formação em um curso de licenciatura. Para isso, ElisangelaChaves relata:

É na tríade relacional entre os Estudos Culturais, do Lazer e da Dança que busco bases teóricas e empíricas comprometidas com a produção do conhecimento em prol das lutas de resistência étnico-racial, em especial da negritude, do antirracismo, da promoção da igualdade racial, da superação do colonialismo e do patriarcado (CHAVES, 2021, p. 743).

Apostando nessas epistemologias de outros saberes não-hegemônicos, abrimos espaços para que outros artistas, pesquisadores (as), autores (as) negros se permitam estar/ser parte desse núcleo, fortalecendo este elo e reverberando outros ares e políticas de ensino. O fazer dança está indissociável desta reflexão, ainda mais por estar em um contexto de formação de

pesquisadores-professores. Estudar e abordar a dança negra, epistemologias, pesquisas de artistas negros no curso é de grande potência. Quando me refiro a este estudo, é como a faculdade pode propor uma formação em disciplina curricular específica e voltada para este lado da história, dos excluídos até então. A dança no corpo negro se faz através das narrativas diaspórica – de pessoas excluídas por vários preconceitos – dos estudos de danças africanas e afro-brasileiras. Sobre a cultura do povo negro, a capoeira, a literatura e todas as abordagens que pertence a nós. A inclusão desses saberes discriminados, de danças outras, naturalmente, enriquecerá os estudos da dança e consequentemente os estudos da vida, pois quando proponho esses estudos de forma mais presente em nossa graduação, afirmo que essa disciplina ensinaria sobre vida e todos os processos de opressão que o povo em minoria vive,

Chaves aborda:

Infelizmente, temos assistido, na cena cultural e política brasileira, a ação de grupos com fins hegemônicos que abusam das relações de poder para violar a Constituição Brasileira, a liberdade de expressão, propagar o ódio e ignorar a existência das diferenças tão caras a um Estado democrático de direitos. Nesse sentido, são inúmeras as ações que representam retrocessos e reforços ao histórico ataque à eticidade das nossas relações, negando a diversidade e as diferenças que nos constituem como povo. Vivemos, na esfera política e civilizatória, um tempo de agressão aos direitos humanos, ambientais, culturais e sociais, por meio de uma onda de conservadorismo, de ataque à democracia e à existência da equidade. Os grupos identitários e os movimentos sociais (indígenas, LGBTQI+, negros e mulheres) estabelecem seus atos de resistência e militância, buscando o direito da representação de suas identidades singulares e coletivas consideradas minorias, entretanto, são vítimas de processos de opressão, exclusão e supressão de direitos básicos. Cabe-nos a busca de frestas, escapes, frentes de luta. Nesse sentido, a identificação do que nos é comum amplia possibilidades de fortalecimento e ação. (CHAVES, P:750).

As desigualdades e as discriminações de classe, gênero e raça são formas fundamentais de marginalização e exclusão. Processos e formas que se inter cruzam e afetam o mundo social, educacional, cultural em nossa sociedade brasileira. Viso aqui relatar os efeitos revelados em minha pele preta e conceber uma trajetória de enfrentamento dos preconceitos com o negro, primeiramente, a respeito do conceito de *raça*. Se pensarmos na *raça* para esta

base de discussão, é possível afirmar assim como o autor Nildo Viana define:

(...) raça como uma população que possui em comum um conjunto de características físicas (fenotípicas) hereditárias que se transformam através da relação com o meio ambiente e da miscigenação. Um indivíduo pertence a uma raça se possuir este conjunto de características diferenciadoras. Este conjunto, por sua vez, é transmitido hereditariamente e por isso características físicas derivadas de acidentes físicos ou biológicos não fazem parte deste conjunto. Tal conjunto de características físicas são fenotípicas e não genotípicas. (VIANA, 2009, p.12)

É importante frisar que esta conceituação “raça” deve ser evacuada do senso comum que ainda fortalece este pensamento acerca da hierarquização de um determinado grupo que são considerados “superiores” acima de outros (grupos não brancos), mas que esta seja contemplada por meio da Academia que é emergente e é indagada também por que sugere VIANA que:

Podemos dizer que tanto para as chamadas ciências naturais quanto para as chamadas ciências sociais, o conceito de raça possui importância mínima, mas que, com a emergência do racismo, acaba ganhando grande importância para a compreensão das relações sociais contemporâneas. (VIANA, 2009, p.14).

Utilizando-se deste conceito para criticar esta categoria social de dominação e exclusão e assim traçar caminhos para a compreensão destas relações sociais e seus processos. Temos que ter sempre cuidado para não legitimar essas dominações étnico-raciais e não continuar a perpetuar essa doutrinação hierárquica no tecido social referente a legitimação das nossas dores, pretos, pretas, afrodescendentes, afro indígenas e a todo povo que é negado e excluído de nosso sistema.

Quando ingressei na faculdade, carregava comigo uma extensa bagagem afetivo-sócio-cultural cheia de dores, (des)afetos, amores, cujo conteúdo me permito abrir para assim observar com mais sensibilidade o peso de cada item carregado. Estes “itens” contidos nesta bagagem são situações que vivi, experienciei e senti, é sobre o que/como fui e sou construído, é sobre vida, identidade negra, minha etnia. Penso sobre a minha condição social desfavorável, de periferia, como já mencionado, e como esta atravessa a

minha formação acadêmica e de sujeito em construção.

Assim, após refletir sobre minhas vivências negativas e de meus colegas entrevistados (as) sobre a representação do negro na graduação de dança, viso compreender quais caminhos metodologicamente podem ser assumidos para assim haver tal resignificação do lugar ocupado por nós na Faculdade de Dança. Pois entendo que tudo acontece interdisciplinarmente. Como a diferença entre eu e o(as) outro(as) pode ser um fator criativo a ser pensado? Refletir a diferença por meio dessa interdisciplinaridade e, deste modo, encontraremos possíveis experimentações metodológicas para espaços mais inclusivos, entendendo que em cada pessoa há uma individualidade e, por meio desta, buscarei compreender conexões existentes e operantes entre esses espaços factuais entre nós discentes e a academia. Desta forma, por meio do pensamento de Ana Flávia Mendes, corroboro acerca da dança contemporânea:

Isto se deve ao fato de, na dança contemporânea, não existir uma formulação peculiar e codificada de vocabulário corporal, conforme aconteceu com as correntes anteriores. Muito pelo contrário, a peculiaridade dessa maneira de dançar reside exatamente na ausência de unicidade. Em minha opinião, é exatamente isso que explica o fato de a dança contemporânea caracterizar-se, principalmente, pela liberdade criativa, isto é, pela possibilidade de investigação e invenção de uma maneira particular de dançar, seguindo, como direcionadoras, uma série de metodologias criativas propiciadoras da descoberta do movimento que se quer dançar e não aspectos técnico-formais pré-estabelecidos. (2018, p: 91 e 92)

A partir desse pensamento sobre técnicas de dança contemporâneas, me vejo, como um pesquisador-intérprete desta escrita, tento fazer com que o meu texto dance em movimento com os meus pensamentos imanentes, para que o que eu sinto e sou aqui dentro e aqui fora deste corpo que vos fala, seja representado e representativo para outros corpos que emanem desta conjuntura. Pensando nesta contemporaneidade, como eu sendo discente em formação me disponibilizo, me permito dialogar com o curso que estou participando e como a comunidade da faculdade se dispõe a debater sobre estes assuntos caros a nós (pessoas pretas) em seu projeto político pedagógico e, conseqüentemente, em suas salas de aulas. Esta consciência, gera um tipo de

movimento que é denominado de *movimento autônomo* “no ato da dissecação artística do corpo, torna-se elemento norteador da poética imanente de dança, refletindo as descobertas do intérprete acerca de si mesmo” (MENDES, 2018).

Quando penso neste movimento autônomo abordado na pesquisa de Mendes, penso e volto o olhar primeiramente para mim e vou descobrindo todas essas brechas sociais que vibram comigo e logo vibram com outras possíveis brechas que também doem em outros(as). Pois, quando olho este sujeito social que sou, vejo inúmeros atravessamentos que antes não eram tão latentes ou que eu mesmo não conhecia, ignorava.

Como o fato de ter que abandonar as cias de dança para ter que trabalhar em shopping e conseguir ajudar financeiramente dentro da minha casa, vejo esse abandono de forma tão agressiva, e nada sutil. Quantos de nós temos que abandonar (mesmo que momentaneamente) nossos sonhos e desejos para conseguir sobreviver? Me descobrir, olhar para mim, é conhecer, é autoconhecer.

As indagações acadêmico-sociais são inúmeras, como os conceitos de ensino aprendizagens inclusivas têm dialogado com o ensino da dança, dos corpos negros de homens e mulheres? – Eu, sendo um indivíduo que me assumo como uma pessoa negra, gay, pobre e periférica me diferencio de uma mulher, negra e mãe, ou até mesmo de um outro indivíduo homem, negro e gay. Entender estas ocorrências me permite enxergar que somos únicos, somos unse nessas unidades vivemos interferências análogas entre trechos que percorremos juntos, valorizando nossas questões identitárias muito particularesque, segundo Sousa e Possas:

Embora a democratização do ensino pautada na valorização identitária dos indivíduos seja versada constitucionalmente, é perceptível que o ambiente escolar ainda é um espaço onde as desigualdades de gênero e étnico-raciais reincidem, explícita e implicitamente. (SOUSA, POSSAS, 2020, p.304)

Buscando compreender este ambiente que o ensino-aprendizagem transpassa, quais corpos nós discentes entramos/estamos/somos e saímos deste espaço, entendendo que estamos em constante construção, pensando nesta perspectiva educacional universitária, como forma da consciência crítica, na segmentação do conhecer/ser em sala de aula, em nossa sociedade, nos

tornando seres mais sensíveis e visíveis a suscetíveis não corroborações ideológicas de dominação e como estas atravessam nossos corpos na graduação.

Para além do que somos, pensar em como esta educação atravessa a comunidade existente, como pensar/planejar as tarefas para que nossas aulas sejam mais participativas entre os colaboradores e educandos, refletindo e se permitindo ir além do conteúdo pré-estabelecido pela própria academia sob a ótica de um currículo estruturado sem rompimentos. Emaranhar-se na visão da possibilidade de estudos correlacionados entre negros.

E que as ações de revisão de conteúdo, por exemplo, não sejam provocadas somente em períodos específicos no calendário acadêmico, que seja uma prática constante para evitar a permanência de pensamentos hegemônicos e eurocêntricos. Mas, que tais pautas possam ser sugeridas/discutidas pela faculdade durante toda a formação docente, não ocorrendo e sendo abordada somente pelo viés da obrigatoriedade legal (SOUSAS; POSSAS, 2020). Conceituar mais autores negros em nossas salas de aulas, reforçar ou explicar trabalhos de artistas negros em nossa formação acadêmica, em nossos seminários internos na faculdade, convidar professores-pesquisadores negros em dança para abordar e pautar suas questões socio- raciais, de gênero e de classe.

Quando mantemos ausentes estas temáticas sobre as desigualdades que existem no espaço em que estamos (faculdade), geramos um convencimento de que tais temáticas, não presentes em nossas discussões, não são tão pertinentes ou são irrelevantes. Para isto, nesta escrita, me faço presente e me proponho a estar/ser mais ativo em relação aos estudos, falas, corpos e gestos em nosso casulo universitário. Reflito sobre muitos conflitos internos, ao me fazer pensar acerca da minha trajetória na academia e, conseqüentemente, sobre a minha formação. Visando explicar sobre a consciência política diante do racismo que todos devemos/deveríamos ter juntamente em nossa caminhada.

Tento não separar ou distinguir cada questão em uma “caixa”, mas trabalhar com tais questões interligadas neste primeiro contexto, pois, entendo que não consigo defender pautas excludentes, sem falar de opressão de classeoperante em nosso ciclo social, sem abordar sobre gênero e suas

grandes lacunas em nossa sociedade². Quando penso em defender e levantar a bandeirado sou preto com orgulho e busco alterar o sentido preconceituoso sobre ser preto, eu olho as demandas do que eu vivo, busco chamar atenção sobre os meios e modos dos nossos sistemas educacionais que foram/são criados e reproduzidos para nos excluir. Pensar, sobretudo, em uma mudança na sociedade, pensar em um projeto que vise a mudança sócio educacional para pessoas e sair do discurso “somos todos iguais”, a categoria da democracia racial criado pela supremacia branca e começar a trabalhar sob a ótica de nossasdiferenças.

Para juntos encontrarmos e abordarmos pistas para vivenciar experiências corpóreas mais inclusivas, em todos os sentidos. Parto do princípiode que a dança, nos termos da professora pesquisadora, Ana Flávia Mendes (2018) “fazer dança é dissecar o corpo (...) para a arte e, mais especificamente,para a dança que acredito fazer, dissecar é um procedimento criativo que requer sentir-se, perceber-se.” Dissecar seria eu retirar essas camadas existentes em mim, no meu corpo, na minha história. Seria despir-se do meu corpo e essas camadas que existem em mim e tatear processos imateriais e as histórias em minha vida. Para isso, coleí estas fotos abaixo pois fazem parte das lembranças que moram aqui dentro de mim eque são marcas que não me fazem desistir de lutar por uma vida mais digna e por um mundo melhor.

² Os termos classe social e gênero, só mencionados aqui como pontos fundamentais, mas não serão aprofundados, por conta de que este é um trabalho inicial de pesquisa

Imagem 03 - O tradicional corte de cabelo na comemoração de aprovado no vestibular.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 04 - As duas mães que me carregam nesse tecido da vida!



Fonte: acervo pessoal

Imagem 05 - Família em comemoração 2016/2017



Fonte: acervo pessoal

Pois quando penso nesta dança que sou, em minhas memórias e vivências para chegar até aqui reflito na pluralidade de moradias e potências que existem dentro do meu Eu. Dança, para mim, reflete os espaços em que eu vivo, piso, reflete minhas andanças e, conseqüentemente, minhas andanças contrastam ou diferem muito das concepções que a sociedade apresenta sobre pessoas como eu, negra. Pois, as concepções de vida, de tipos de corpos, considerados ideais, excluem o meu tipo de corpo negro.

Os espaços em que eu sou, os espaços que são arrancados, proibidos para esta pele considerada encardida, empoeirada, do sujeito vivido que convive com preconceitos e foi doutrinado a alisar o cabelo, desde criança, por não gostar do seu cabelo crespo, cheio de nó. A criança que não gostava de seu nariz, por achar ele grande demais, a criança que pediu e suplicou bastante para ter nascido de outra cor (branca), outro cabelo (liso), outros olhos (azuis). A criança que teve uma infância repleta de sonhos escritos que já não me pareciam dizer o que eu era, mas sim, no que eu teria que me tornar.

Assim, eu cresci, negando minhas características físicas e psicológicas, nesse confuso emaranhado de preconceitos e expectativas idealizadas, nada parecida com as reais possibilidades que me eram apresentadas, ou que eu via a minha volta. Até perceber que o encontro da arte na vida daquela criança,

mudaria meu modo de me ver. Foi a partir de 2011, quando fui com minha tia à procura de aulas de dança e encontramos um projeto social (Projeto Aluno Bailarino Cidadão – Belém/PA). Ali, inserido na trajetória entre ser/fazer arte/dança e ter um olhar mais sensível e crítico para o mundo, posso afirmar, hoje, que aquela bendita experiência foi transformadora e necessária, para que eu começasse a me perceber e me reconhecer como sujeito constituído com meus traços físicos e que nada precisaria modificar fisicamente, ao contrário, só intensificar minha individualidade de pessoa, para além de etnias, crenças e outras imposições de modelos a serem seguidos.

Não sei dizer se eu escolhi a dança, se ela me escolheu, se nos encontramos sem hora marcada e como nos esbarramos. Mas sei dizer da intensidade que ela vive e pulsa aqui dentro e como ela me fortalece a cada dia, como se fosse uma dose de remédio que me faz respirar. E se a dança me faz respirar, ela me faz viver, e viver não é só ter felicidade, mas é ter também inquietações, indagações sobre você, sobre o outro, sobre o local em que você vive é, ainda, perceber que alguns espaços não possuem e não querem ter nossa presença, por isso, nós, negros, vamos rasgando e alargando brechas, construindo tessituras e nos fazendo presentes, em locais que antes nos ignoravam e nem nos viam.

Este é um ato de pertencimento, ser/fazer resistência nesse sistema que oprime e dilata discursos violentos para pessoas como eu, merecedoras de visibilidade e reconhecimento como seres pertencentes à sociedade.

De modo que, ingressar no curso de graduação em dança, em 2017 e estar numa universidade pública, é um ato político. Pertencer e ser deste lugar de conhecimento através de estudos, narrativas e dramaturgias dançantes, fez-me ir a mergulho intenso do conhecer a mim, minhas fraquezas, potências pessoais, anseios, desejos, habilidades, ou seja, comecei a ampliar e fortalecer minhas percepções, até então, escondidas, negadas, não exercitadas.

Vale ressaltar que, para um professor-pesquisador em dança, estudos dessa natureza são fundamentais, para que ele, ciente da difícil trajetória pessoal, possa passar a experiência para outros, de maneira a demonstrar que toda pessoa é única, tem direitos a tudo o que é necessário para uma vida digna, principalmente, nas áreas da saúde e educação e dignidade humana.

Portanto, buscar entender aqueles que vivem às margens,

sobre(vivem) nas partículas de ruas desmoronadas de oportunidades, desdobrando-se nas mais profundas faces pelas quais os preconceitos e a injúria racial, racismo não apenas se consolidaram, mas se reconfiguram diariamente. Quando me proponho a existir através do “tecer resistências” sublinho a afirmação e confirmação das linhas da vida – Tecer resistências é, sobretudo, observar sua trajetórias e os caminhos emaranhados dos fios, que usamos como costura, de nossa construção social e se esvaem com o fluxo do rio que cursa e deleita sobre a pele daqueles(as) que ousam banhar-se. Enegrecer, banhar e mergulhar em si, se *denegrir* segundo as concepções de Renato Nogueira, *enegrecer* é :

(...) é um conceito filosófico afroperspectivista que significa enegrecer, assumir versões e perspectivas que não são hegemônicas, considerar a relevância das matrizes africanas para o pensamento filosófico investigar em bases epistêmicas negro-africanas, dialogar, apresentar e comentar trabalhos filosóficos africanos, abordar filosoficamente temáticas como: relações etnicorraciais, epistemicídio dos saberes de matriz negro-africana, racismo anti-negro, branquitude e hegemonia dos parâmetros ocidentais no âmbito político e estético. (NOGUERA, 2011, p. 16)

Enegrecer a partir desta filosofia, para o Eu, seria observar este rio que me banho e me conhecer, re(conhecer) a minha história, reconectar com os meus ancestrais e rever toda essa narrativa criada e usada como mecanismos de dominações, contribuindo e criando éticas, políticas, análises e movimentos que não sejam da estruturação hierarquizada de dominações e de violência(s) epistêmicas contra o negro (MACHADO, 2014).

Entender esta filosofia do enegrecer nos faz enaltecer, abordar e realinhar trajetórias de autores negros para o espaço interno de nossas aulas, estudando e reconhecendo os aspectos que envolvem toda essa trama nas histórias narradas. Fortalecendo este caminho de estudos e narrativas autênticas do negro e sua construção social e os desafios estabelecidos nesse fluxo de vida. E, para compreender estes estudos que conectam a pele e o suor das histórias do ser negro e suas possibilidades no mundo, precisamos entender o que e como vivenciam estas pessoas em nossa sociedade, buscando entender o racismo e toda a sua estrutura pertinente em nossas

construções e pilares sociais, cuja exclusão é naturalizada.

Para entender um pouco mais sobre racismo, Silvio Almeida (2018), elucida que existem três concepções de racismo, sendo elas individuais, institucionais e estrutural. Na perspectiva Individualista:

O racismo, segundo esta concepção, é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. (ALMEIDA, 2018, p. 39).

Essa concepção reporta-se ao racismo como uma configuração de imoralidade e um crime. Estes que o praticam devem ser sentenciados a punição e cumprimento da lei. Porém, essas ideias são delimitadas, porque trivializam um problema social que deveria ser questionado, em um contexto mais amplo, onde seja discutido seus princípios e o seus desdobramentos históricos presentes na sociedade para que atinjamos um determinado nível de compreensão.

Nesta concepção, podemos afirmar que, por ser praticada diretamente de uma pessoa racista, para outra pessoa atacada, e mais “facilmente” identificada, quando alguém faz comentário de ódio pelo cabelo de um negro ser crespo, cacheado. Quando uma pessoa sugere que nós negros temos inveja da pele branca, caso que aconteceu em Valinhos-SP, quando um entregador de aplicativo de delivery de comida, foi vítima de palavras de ataque racistas no ato da entrega ou até mesmo quando uma torcedora grita em um jogo nacional em um estádio, tentando xingar insultando de “macaco” um determinado jogador de futebol.

Ao lembrar estes acontecimentos que foram reverberados em rede nacional, reflito sobre esta concepção abordada por Almeida, que nos permite identificar/acionar a justiça que ainda permanece ineficaz para o povo negro submerso das profundezas nas grandes e metrópoles periféricas e demonstrar que nesta concepção os ferimentos, mortes e destruição da população negra.

Jána concepção Institucional, Almeida, novamente:

O racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, vantagens e privilégios com base na raça. Antes de entrarmos na expressão institucional do racismo, vamos entender um pouco mais o que são instituições. (ALMEIDA, 2018, p.40)

Nesta concepção, é “menos evidente” e torna-se muito sutil e menos identificável aqueles sujeitos específicos que praticam/cometem os atos, diferentemente da concepção individualista que foi supracitada, já, nesta segunda concepção, as instituições são apenas a concretização de toda uma estrutura social existente e operante nesta(s) composição(ões) e/ou um dos modos de socialização em que há o racismo em um de seus componentes organicamente manipulados. Em síntese, as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2018).

A escola, a universidade e os demais campos e agentes institucionais têm potencial para transmutar essa realidade. Decidindo-se por uma consciência e compreensão positiva dos fatos e atos. Somos capazes de chacoalhar esses meios com argumentos, reflexões e movimentações capazes de libertar os sujeitos que, por muito tempo, sofreram/sofrem discriminação diariamente. E, neste ponto de vista, podemos assegurar que tais comportamentos têm como cerne: o poder este, que por sua vez, é disposto em figura de dominação de determinados círculos da sociedade por meio da raça. Assim, usufruem deste grandioso poder os círculos que operam o comando sobre as composições políticas da sociedade. (ALMEIDA, 2018).

No racismo institucional, o caso do domínio se dá em diálogo determinando o estabelecimento com os paradigmas discriminativos assentados na raça, que se convém para a conservação hegemônica do grupo racial que está no referido poder. Por consequência, a cultura, os arquétipos estéticos e os procedimentos poderosos de estabelecidos coletivos tornam-se um horizonte “civilizatório” do conjunto em sociedade. É necessário observar e questionar sob nossos espaços sejam eles, universidades e outras instituições

quem são as pessoas que estão no referido poder – Eles homens brancos. E buscar proporcionar a manutenção dos poderes estabelecidos alargando os conceitos e espaços para a inserção do povo negro. (ALMEIDA, 2018).

De fato, na concepção institucional, o racismo não pode separar-se do projeto político, dos estudos desencadeados para a inserção e permanência do negro nas aulas e de conjunturas socioeconômicas específicas, para o seu traslado durante este percurso, neste momento, falando somente e especificamente sobre quais demandas são pensadas para esta inclusão, neste momento da vida no ensino superior. Os confrontos interinstitucionais podem instigar as possíveis mudanças no modo dos procedimentos nas instituições que, para permanecerem de maneira estabilizadas, necessitam indagar, investigar e refletir as demandas daqueles grupos que não estão no comando, e que estão às margens.

Portanto, tais conflitos e todos os antagonismos que tocam estas instituições conseguem suceder em reformas que provocarão uma modificação dos padrões de ações, funcionamentos e também dos procedimentos de atuação institucional. Podemos exemplificar um tipo de mudança ocorrida no funcionamento institucional, que são as políticas de ação afirmativa, cujo objetivo é, ampliar a representatividade de minorias raciais e modificar a dialética discriminatória dos processos embutidos institucionalmente.

Há que se compreender e identificar que o racismo parte de uma estrutura social e que não é uma atividade que está desconectada de um determinado indivíduo ou de um grupo. Deste modo, nos tornamos pessoas ainda mais responsáveis pelo combate e encontro perante ao racismo e aos racistas, identificando e repudiando todo e qualquer ato discriminatório que venha a ser abordado para nós pessoas negras e observando até mesmo atos que não são tão identificáveis, porque fazem parte das discriminações estruturantes.

Consciente de que o racismo é parte estrutural social e por isso não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ético e politicamente responsável pela manutenção do racismo. (ALMEIDA, 2018, p. 40).

Os processos e acessos das brechas no ensino-aprendizagem, na

graduação em dança, podem ser visualizados e pesquisados, por nós discentes, quando nos propusemos a trazer e/ou fortalecer outros aspectos de estudos e modos de ser dentro deste espaço. Acima emoldurei algumas imagens de um momento único para minha família e também para a estatística da população negra em nosso país. Forte inspiração para a apresentação das temáticas: racismo, antirracismo e desigualdade racial, para averiguar ou constatar o quanto e como esses termos, atitudes afetam a nossa formação de indivíduo. Assimilando o pensamento por meio da escrita de hooks:

Expor os fundamentos políticos conservadores subjacentes que moldam o conteúdo do material utilizado nas escolas, bem como a maneira pela qual as ideologias de dominação estabeleceram a prática de ensino e a atuação de pensadores em sala de aula, permite a educadores e educadores considerar o ensino de um ponto de vista voltado a libertar a mente dos estudantes em vez de doutriná-los (bell hooks, 2021, p,33).

3. PALAVRAS PRETAS: DIÁLOGOS DO SER NEGRO NA FACULDADE DE DANÇA

Para contextualizar a situação e condições de ensino em que os negros se veem no curso de graduação em dança, realizei entrevistas com 5 pessoas, para ouvir suas vivências e dialogar com as minhas, além de proceder a um levantamento dos itens abaixo, sobre pessoas **negras e a faculdade de dança**.

As políticas de acesso (como cotas) ao ensino superior trazem a presença maciça de estudantes negros, pobres oriundos da periferia aos cursos de graduação/bacharelado. Isto é, historicamente não era presenciado, não ocorria. Mas, para pensarmos acerca dos estudantes que são ingressos ao sistema universitário e também para todos os que estão presentes em nossas linhas educacionais neste espaço.

Teremos que refletir sob as inúmeras dificuldades destes estudantes para permanecer ao curso, seja por meio do recurso material/financeiro ou seja pelo recurso simbólico, no que tange as possibilidades de identificar-se com os grupos adjacentes universitários, pertencer, ser e reconhecer a este ambiente e pessoas.

Ao olhar minimamente aos detalhes Renata Gonçalves aborda “e quando examinamos o número de professores(as) negros(as) nestes ambientes, a situação é ainda mais grave.” (Gonçalves, 2015, p. 205). Para isso, as universidades foram constituídas predominantemente por brancos. Ao observarmos o quadro de professores na faculdade de dança, me deparei por não ter nenhum negro efetivamente empregado como docente. A faculdade tem um grande poder nesta relação mútua entre o universo da educação e o processo dos discentes em formação.

Quando que as referências negras na universidade deixarão de ser apenas a dos trabalhadores(a)s terceirizado(a)s? Em que momento intelectuais negro(a)s farão parte do referencial teórico dos cursos? Quando a temática étnico-racial será introduzida nas matrizes curriculares e se fará constante durante toda a extensão do curso? Em que momento professor(a)s negro(a)s deixarão de ser uma raríssima exceção no corpo docente? – Acredito na potência formativa que a faculdade tem sobre o alunado e como os discentes podem

contribuir nesta formação/formatação.

Perceber os espaços os quais frequentamos e “tatear” estes espaços para o nosso próprio conhecimento. Nossa estrutura é racista e estamos lutando para desestruturar toda essa montagem e remontar, reescrever a partir de nossas perspectivas esse aglomerado de práticas excludentes.

4. DIÁLOGO DOS DISCENTES EM FORMAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA:

Perceber que existe uma estrutura é perceber minimamente e criticamente os espaços em que estamos imbricados. Para isso, abaixo reservo os diálogos com os discentes do curso da faculdade de dança que também estão no processo formativo. A entrevista coletada em diálogo semi-estruturado com 5 discentes.

Para Junior do Vale, morador de Castanhal, em sua resposta diz sobre a inclusão de disciplinas sobre temáticas raciais e dança, fomentação dos debates sobre dança, religião, sociedade e danças urbanas, fomentação do estudo sobre dança e regionalidade. Em sua passagem pela faculdade também teve aula com apenas 2 professores negros, que eram substitutos.

A partir da reflexão do Junior do Vale, percebemos que esta esfera do nosso corpo docente, a não presença de negros, e uma proposta de disciplina que é situada para os estudos do corpo, com ênfase em danças indígenas, afro-brasileiras, nas danças que vem da periferias, da dança que vem das margens e todos esses corpos em contenção e que estude a trajetória e histórias de nosso povo negro, suas dramaturgias, tradições e pulsações. Para complementar este pensamento Fernando Ferraz:

A constituição das danças negras enquanto área de conhecimento em dança no Brasil ainda é um desafio que precisa lidar com uma série de entraves e mal entendidos. Concebo o termo “Danças Negras” muito mais enquanto conceito do que como linguagem de dança. Instituídas por uma poética política elas agregam diferentes gêneros, construindo um panorama múltiplo capaz de conectar suas expressões com as expectativas de lutas histórico-sociais e políticas em torno da negritude de seus protagonistas. Seus fazeres articulam temas, treinamentos, técnicas, procedimentos artísticos e formas de produção que podem estar atrelados tanto às tradições afrodescendentes mais evidentes, presentes nos repertórios folclóricos, populares, afro-brasileiros, diaspóricos, africanos quanto aos estilos e abordagens supostamente não marcadas racialmente como a dança moderna, clássica, práticas experimentais e ou contemporâneas. (FERRAZ, 2017, p; 116)

Ao refletir sobre, penso em uma demanda que há de garantir a presença dos saberes da diáspora negra no projeto pedagógico, não mais como parte que integra ou é comunicada em uma disciplina adjacente. Mas como a própria

disciplina. Justamente, para promover a difusão de pensamentos, registros, textos e noções corpóreas acerca da diáspora africana.

Mais do que promover este ensino, é preocupar-se como “eu” (enquanto instituição/docente) desejo que isso toque os sujeitos que estão em formação e, futuramente, estarão exercendo tal função de educador-educando. Para além também do conhecimento que atravessa as paredes de nossas universidades são o próprio mundo que atravessa a nossa educação.

Quando proponho-me a estar lado a lado com os meus pares para conversarmos e ouvirmos o que cada um tem para falar com o outro, ouço sobre as nossas questões acerca de um currículo afrocentrado, emancipatório e a importância de um modelo de educação tradicional africana está relacionada à necessidade de outra forma de educar que não seja excludente, distante, autoritária e alienante como a educação baseada no eurocentrismo.

Para Ariany Coelho (discente do curso de Licenciatura em Dança) “Ser negro(a) é estar em luta todos os dias, sempre precisamos estar reforçando o nosso devido valor, inteligência, capacidade e isso é cansativo. Não somos iguais aos brancos perante a sociedade, por mais que muitos preguem isso e sonho com o dia que sejamos respeitados.”

Com base neste depoimento e em meus anseios, quando se é negro, sinto a necessidade de tudo que mostrar, fizer, falar seja sempre com excelência e êxito. O benefício da dúvida não existe para este lado de cá. A cada bailado em nossas danças, movimentos que se repetem como uma coreografia pré- estabelecida e estruturada, lutamos contra armaduras cotidianamente. Armaduras, condicionamentos advindos de uma formação colonizada, racista, cujos preconceitos foram-são naturalizados e por isso, negados pelos segmentos que não imaginam o que é lutar para sobreviver com dignidade nessa sociedade segregadora.

Na fala da discente Ariany Coelho é emitido um desejo “gostaria que fossem abordados outros estilos de dança na graduação, sem ser os mais comuns que conhecemos, como ballet clássico, dança contemporânea e moderna”. Há, de certo modo, outras vivências e experimentações durante este percurso na faculdade, como danças oriundas da cultura popular. Mas o

que defato pode-se refletir é que passa-se um semestre inteiro falando sobre um determinada dança, que tradicionalmente já é estabelecida na grade curricular do curso e para outras danças como advindas do batuque, de outras culturas, das culturas indígenas, do quilombo.

Para a discente em formação do curso da turma de 2018 Marinalva Costa, negra, afrodescendente, nascida e criada na comunidade titulada de comunidade quilombola de Mocambo (Ourém – Pará):

Falamos em faculdade de dança, primeiramente precisaria reeducar sobre nossas culturas dançantes aqui do Pará. Aí sim passaríamos a dar importância somente depois para o que vem de fora e não fazer o trajeto contrário, primeiro valorizar o que é de fora para depois quando sobra espaço/tempo abordarmos sobre o que é nosso. Não tô falando para acabar da grade curricular, mas, que apenas pudéssemos dar mais visibilidade para o nosso patrimônio também. Em aulas práticas eu não sabia ou não conseguia fazer o que era proposto, pois o meu corpo não tinha conhecimento de tal técnica (clássica, moderna) devido eu nunca ter feito aulas meu corpo não correspondia aos comandos.

Há apenas um passeio, um sentir, uma experimentação efêmera durante uma aula. Como eu sendo um aluno negro olharei para a minha sala e não me verei, nem verei minha cultura e quando vejo em um intervalo ao piscar de olhos, passou.

As comunicações e os diálogos foram contemplados na esfera das projeções de futuro, na valorização de nossas ancestralidades, como conteúdo disciplinar e de vida no processo formativo (o curso não tem que dar conta disso, através do projeto político pedagógico e acaba perpassando e reformulando, alterando e sendo alteadona produção de vida, e por meios destas comunicações que surge a reivindicação de nosso lugar no mundo, de ser e de estar presente no campo universitário). As estruturas políticas, econômicas, jurídicas e sociais sustentaram no esquecimento, ou melhor, na invisibilidade e no apagamento.

Imagem 06 - Fotografia pessoal do discente Saulo Josué



Fonte: acervo pessoal

Saulo Josué Araújo Ferreira, 22 anos, danço profissionalmente desde 2018 quando decidi seguir carreira na dança, entrei na UFPA também em 2018 para o curso de licenciatura em dança, trabalho com danças urbanas, com ênfase no voguing, hiphop e jazzfunk, atuando também dando aula de kpop, já coreografei eventos como 15 anos e formatura, atualmente fazendo pesquisas em encantarias do corpo, dança e afetos.

Saulo Josué, que reside em Castanhal aborda em suas palavras sobre o cansaço das idas e vindas diárias para a faculdade, que é desafiador, que as vezes falta aula por não ter condições de pagamento das tarifas de locomoção. Discute sobre as disciplinas que ainda são muito voltadas para as vertentes europeias/eurocêtricas. Mesmo que as turmas já estejam debatendo e se movimentando para propor novos caminhos, espera-se que seja criada disciplina para debatermos de fato sobre tais questões.

Por estas questões que são abordadas por Saulo, voltamos o nosso olhar para estas danças que são feitas por nós corpos-pretos-periféricos. O diálogo entre comunidade, alunado e academia. Propondo assim uma dinâmica mais

atrativas e de grande formação para aqueles que irão estudar nos próximos anos em nossa faculdade, para que os próximos educandos que passem por nossas salas tenham uma formação também que aborde sobre tais questões de forma mais presente.

Refliço sobre a proposição da criação de uma disciplina que aborde sobre, pois, necessitamos estudar mais sobre a gente. Sobre nossa história, nossas danças, nossas culturas, o que é do povo.

Imagem 07 - Fotografia Pessoal da discente Lauane Gomes



Fonte: acervo pessoal

Para a acadêmica Lauane Gomes, bailarina, relata que em sua turma em torno de 40 alunos deles 10 eram negros, mas atualmente, apenas umas 5 pessoas negras continuam no curso. Diz também que em sua graduação teve apenas dois professores negros e que eram substitutos (Carol Castelo e Juan Silva). Nas aulas tivemos apenas comentários sobre as temáticas que

abordassem sobre o negro em momentos raros e específicos de algumas disciplinas, mesmo elas abrindo pra falar sobre, acredito que o tempo e o espaço ainda sejam muito curto e diga-se breve.

Lauane Gomes

Graduanda no último semestre de Licenciatura em Dança da UFPA

Bailarina formada pelo Curso Técnico de Dança Clássica da UFPA

Ex integrante dos Projetos de Pesquisa e Extensão de Dança Moderna
E Gyrokneses da ETDUFPA

Professora de Ballet, K-Pop, Dança Moderna e Ritmos

Bailarina da Volé Cia de Dança

Integrante e Líder do Grupo Cover de K-pop "Like Boom"

Lauane ainda aborda sobre a criação de uma disciplina específica na graduação que abordasse sobre a temática do negro, das culturas afros, indígenas, poderiam me fazer entender melhor o meu corpo, as minhas nuances e particularidades. Também a pesquisar a minha cultura e a produzir conteúdo acadêmico fortalecendo ainda mais a graduação.

Outro ângulo estratégico de empoderamento e determinante de protagonismo, nesse movimento de diálogos entre nós discentes é de visibilidade das vozes pretas. Obviamente, não se trata aqui de alimentar a perspectiva sob um discurso que seja dicotômico e maniqueísta entre as estéticas afro ou euro-orientadas oriundas em nossos cursos. Mas de que há um esquecimento inapropriado acerca das vivências afro-orientadas.

5. POR QUE A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA É NECESSÁRIA PARA A VIDA?

Olhar para o meu eu é desdobrar-me para consegui analisar, lembrar, pelo menos, o que ainda permanece na memória, desde criança, fatos que me fizeram ser quem eu sou hoje. Talvez, quando criança, eu não percebesse como a dança poderia me salvar e me fazer tornar um ser humano tão crítico e sensível. E perceber também como uma nova versão de uma história já contada poderia me transformar. Talvez, na época, eu não percebesse a diferença e a mudança que isso seria na minha vida, quando falo sobre essa diferenciação entre o Eu de agora, presente na escrita, também estou falando do Eu, dançante, figura imanente lá atrás, quando criança.

Esses são fatos-memórias que me acompanham e serão indissociáveis na minha vida. O meu fazer/viver no cotidiano separado do que eu danço, emano, vivo e apresento. Para isso, escuto sensivelmente sobre a educação antirracista e como a mesma pode potencializar discursos, espaços e ideias para a construção de um espaço mais híbrido, envolvido e lutando por causas sociais emergentes de nossa sociedade. Para Silva *et al.* (2022, p.02) a formação docente e a Educação Antirracista:

[...] é uma prática social e de que as formas de formação docente levem em consideração a unidade entre teoria e prática não somente nos saberes pedagógicos, mas também em relação aos saberes oriundos da atuação do Movimento Negro que precisam adentrar os currículos dos cursos de formação inicial e continuada de professores e de professoras, ofertados pelas Instituições de Educação Superior, no processo de autoformação e de formações nas instituições escolares.

Esta especificidade é como uma extensão de nosso ensino, não somente por sua relevância dentro da academia, mas por sua emergência social. Pois, é um tema que traz assuntos outros tão importantes quanto falar de castelos, reise erudito. Mas, começa a colocar o negro como protagonista de histórias e narrativas e abordar nossas diversidades culturais. Para Joelson Onofre precisamos:

Refletir sobre o currículo perpassa questões tão importantes quanto imprescindíveis para uma análise dos aspectos subjetivos referentes à concepção de currículo que temos construído ao longo da história da educação brasileira. Dependendo do lugar de onde estamos, das posições ideológicas que assumimos, podemos influenciar e materializar um currículo que ora contemple os ditames e normas das legislações educacionais, ora assumam e transpareça a vida dos educandos, suas habilidades e competências. (ONOFRE, 2008, p. 104)

Repensar e refletir quais corpos e espaços nosso currículo educacional atual está atingido, tocando e marcando. E como nós educandos podemos o transformar e nossos docentes podem também ajudar a reformular este(s) caminho(s) contribuindo assim para a diminuição de discriminações étnico-raciais no âmbito educacional/social. A obra a seguir que tem uma imagem abaixo foi um espetáculo desenvolvido no Projeto ABC – já citado anteriormente. Que teve dedicação de 9 meses de pesquisa: leituras bibliográficas, filmes, pesquisas de movimentos, concepção de figurinos e dramaturgia.

Quando cito e rememoro este episódio marcante em minha vida, penso na importância de se trazer mais personagens negros para nossas histórias, ressignificar o personagem principal foi de extrema relevância para o projeto e para a minha vida. Então, aspiro em como uma aula ou processo artístico pode reverberar na vida daquele que os faz ou daqueles que fazem. Este processo desencadeia meus estudos

Refletir e ponderar sobre a importância deste tema tão importante que extrapola as paredes de ensino escolar/superior, mas que atravessa a vida de muitos pelos caminhos e estradas da vida. Raciocino, por meio deste, que tal culminância pautada neste estudo pode e deve trazer mais pertencimentos dos alunos negros, estudar, ver e ler pessoas negras como eu me fazem ficar mais próximos daquele espaço que eu frequento e que agora faz parte de mim e eu faço parte dele. Essa relação de pertencimento é fundamental para nossa afirmação como sujeitos-cidadãos! Posso afirmar que foi assim que me senti, aoprotagonizar o espetáculo *O pequeno príncipe*. Essa imagem me faz muito bem!

Imagem 08 - Espetáculo “O Pequeno Príncipe” a obra de Antoine de Saint-Exupéry”



Fonte: Arquivo Pessoal

Quando observo a imagem acima, recordo dos processos do menino, jovem que sonhava e, em sua imaginação, viajava o mundo. Conhecia o invisível admirava o espaço. Olhar para esta dramaturgia me fez pensar em como os processos, majoritariamente, são ocupados por personagens hegemonicamente brancas, cis, quando podem e devem ser interpretados e dançados por um jovem que não vem do centro, mas vem balançado com o movimento da beira, da margem, do que não é assimétrico e linear, mas do que assimétrico e cheio de curvas. E o resultado foi/é ótimo!

Rememoro esta dramaturgia em minha vida, pois, quantas vezes utilizamos espaços para pessoas de cor se desenvolverem como protagonistas? Mas sei que somos protagonistas da nossa própria história e é, por isto, que a minha escrita vem nesse desenvolvimento de afirmação para nossos pares, nossos espaços, falas e gestos de não inferiorização. Pensando nesta proposta a qual fui submerso poeticamente na cena e na vida, afirmo

que os conteúdos escolhidos devem fazer sentido para aqueles que os praticam, a possível reinvenção trajada de pluralidade que conecta e dialoga entre educador, educando, conteúdo disciplinar, sociedade, contexto social e universidade/escola. Para isso, Onofre aborda:

Quando pensamos em reinventar e repensar o currículo, precisamos refletir sobre as novas sensibilidades para com os educandos. Como os vemos, como nos obrigam a vê-los, enfim, somos convocados a repensar o que ensinamos e o que aprendemos. Isso nos obriga a rever nossas práticas pedagógicas, nossas metodologias de ensino e os conteúdos de nossa docência. (ONOFRE, 2008, p. 106-107)

Buscando nossas afirmações dentro dos espaços que ocupamos e porque a educação antirracista é tão necessária, não somente para nós que estamos em formação na universidade, mas, sim para a vida. Pois, quando as paredes das salas terminam, tem a dinâmica da vida, da sociedade e que esta educação não bata e reverbere somente nestas paredes e ecoem para dentro, mas que possam ecoar para fora também. Para que sejamos cidadãos mais justos, que respeitam a diversidade étnica, sexual, cultural e toda forma de pluralidade.

6. CONSIDERAÇÕES

Quando me permito estudar e analisar sobre os aspectos que me cercam, me disponho a renunciar ao que sou ou que me moldaram a ser. Filtrar os fatores sociais que assolam este indivíduo, percebo-me em uma construção emaranhada de situações e paralisias sociais, estudando sobre as flechas que me ferem na sociedade e ferem todo o meu povo preto, excluído e marginalizado.

Ponderando sobre toda essa estrutura, fazendo-me renunciar a tudo o que sou. E que me reconstrua no processo de constituição de um ser mais afirmativo, mais seguro, destemido, em busca de mais e melhores oportunidades na vida pessoal, profissional, acadêmica.

A partir de minhas observações, conversas paralelas e entrevistas com outros discentes sobre seus anseios, desafios e possibilidades outras de ensino dentro de nossa faculdade, afirmo que necessitamos de docentes negros, necessitamos de disciplinas específicas sobre nossas questões, pois, se não há, só estamos repetindo o ciclo tradicional e reforçando que outros ensinamentos são mais importantes do que nossas demandas.

Mas, reafirmo, nossas questões aqui não são para menosprezar todo o ensino e todas as pedagogias da dança que foram ensinadas ou praticadas em nossos corpos, mas sim, trazer à tona que nossas culturas, nossas danças sejam elas afro-brasileiras, africanas, indígenas, nossos rituais, são tão importantes quanto o ensino do ballet, da dança moderna e da dança contemporânea em nossa grade curricular.

A análise do currículo, quadro de funcionários e trabalhos pautados nas questões étnico-raciais apresentados no curso de licenciatura em dança, o PPP do curso e sobre o que a faculdade propõe para o alunado negro e todos os discentes, com eixos nessas temáticas específicas, irei pesquisar e aprofundar os estudos mais à frente quando pretendo entrar no programa de pós-graduação. São cenas para a próxima dramaturgia de minha pesquisa, são cenas para os próximos educandos que irão perpassar por esse caminho universitário e eu desejo que atravessem com a maior vitória e arcabouço humanizado possível.

Acredito no potencial educativo-formativo de nosso povo e de toda a sua

força ancestral que precisa ser reverberada em nossos corpos, mas também em nosso ensino-aprendizagem. Transmutando os espaços e mostrando que nossa cultura não subtrai a formação universitária, mas vem para somar e não só no espaço acadêmico, mas somar para a vida dos sujeitos, em sua esfera de vida e partilha inclusiva na teoria e na prática do ser humano.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.
- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018.
- CONRADO, Amélia Vitória de Souza; ALCÂNTARA, Celina Nunes; FERRAZ, Fernando Marques Camargo; PAIXÃO, Maria de Lurdes Barros da (Orgs.) **Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras**. Salvador : ANDA, 2020. – 674. : il. (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 6).
- CHAVES, E. Negritude, Identidade e Dança. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 742–762, 2022. DOI: 10.35699/2447-6218.2021.37724. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37724>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- COELHO, Wilma Baía. O professor negro na universidade: notas em curso. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 09, p. 34-40, 2003.
- FERRAZ, Fernando Marques Camargo. Danças negras: entre apagamentos e afirmação no cenário político das artes. **Revista Eixo**, v. 6, n. 2, p. 115-124, 2017.
- FERREIRA, Danilo dos Santos; FREIRE, Francisca Jocélia de Oliveira; OLIVEIRA, Lorena Conceição Moreira de. Ensino afrocentrado: uma proposta para estética negra na dança. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA – ANDA, 6., Salvador, 2019. **Anais ...** Salvador: ANDA, 2019. p. 2023-2035.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, n. 18, p. 133, 2011.
- GONÇALVES, Renata; AMBAR, Gabrielle. A questão racial, a universidade ea (in) consciência negra. **Lutas Sociais**, v. 19, n. 34, p. 202-213, 2015.
- MENDES, Ana Flávia. **DANÇA IMANENTE: uma dissecação artística do corpo no processo criativo do espetáculo Averso**. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro e Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, p. 61-73, 2014.
- HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. 1ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

JESUS, Jaqueline de; DIOGO, Rosália; GRANJO, Paulo. **O que é o racismo**. São Paulo: Escolar Editora, 2014.

JUSTINO, G.; ROBERTO, F. Wilson. Afrobetizar – uma possibilidade de ação educativa a partir da afirmação e fortalecimento da negritude em comunidades. **Revista UFG**, Goiânia, v. 15, n. 15, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48526>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MACHADO, Felipe. Entre rodas de dança e coreografias: notas para um pensamento dançarino. **Horizonte de la Ciencia**, v. 4, n. 7, p. 15-23, 2014.

MOURA, Renata. **A dança afro ao encontro da educação popular. Monografia** (Especialização em Pedagogia da Arte) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 4, n. 2, p. 1-19, 2011.)

ONOFRE, Joelson Alves. Repensando a questão curricular: caminho para uma educação anti-racista. **Práxis Educacional**, v. 4, n. 4, p. 103-122, 2008.

PEREIRA, Amilcar. O movimento negro brasileiro e a Lei 10.639/03: da criação aos desafios para a implementação. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 23, p. 13-30, 2017.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. O negro e a universidade brasileira. **Historia Actual Online**, n. 3, p. 7, 2004.

SOUSA, Mariana Alves de; POSSAS, Lidia Maria Vianna. Uma proposta de interseccionalidade entre gênero e raça para a Educação Básica. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 14, n. 28, p. 303-327, 2020.

VIANA, Nildo. Raça e etnia. In: VIANA, Nildo; SANTOS, C. P. (Orgs.). **Capitalismo e Questão Racial**. Rio de Janeiro: Corifeu, 2009. p. 11.